

MINIS/ÉRIO

Uma Revista Para Pastores e Obreiros



Concílio Ministerial da Divisão Sul-Americana

DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

O fogo do Espírito

Empenhados em suas pesquisas, alguns exploradores franceses avançaram através de florestas africanas. Abrigavam-se cada noite num acampamento, onde construíram uma fogueira ao redor da qual procuravam se aquecer. Mas um dia, ao retornarem ao local do repouso, depararam-se com uma cena que os deixou perplexos. Ali, na clareira diante deles, havia pequenas fogueiras cônicas, cuidadosamente arranjadas, mas não acesas.

Curiosos, examinaram alguns daqueles pequenos montões de lenha. No fundo, havia um punhado de folhas secas, com raminhos entrecruzados sobre elas. Então pedaços de madeira mais grossos e fortes foram colocados sobre os ramos. Quem teria feito aquilo?

Olhando ao redor, viram dezenas de chimpanzés que os haviam observado enquanto construíram as fogueiras e, na sua ausência, copiaram-lhes a arte. As pequenas armações cônicas eram perfeitas. Estavam bem organizadas. Nenhum engano fora cometido; tudo segundo o modelo. Mas as fogueiras simplesmente não tinham fogo e, por isso, não funcionavam.

Como pastores, temos nos deparado com muitas fogueiras e até construído algumas delas. São projetos fantásticos, estratégias de ação bem elaboradas, estabelecimento de objetivos individuais ou para as congregações, que estão destinados ao fracasso a menos que sejam movidos pelo fogo do Espírito Santo.

Num momento particularmente decisivo de seu ministério, o profeta Jeremias compreendeu que, sem esse fogo, era muito fácil retroceder diante das dificuldades. Movido por Ele, no entanto, era impossível não avançar. Eis suas palavras: “Então disse eu: Não me lembrarei dEle e já não falarei no Seu nome. Mas Sua palavra me foi no coração como fogo ardente, encerrado nos meus ossos; fiquei cansado de suportar, e não conseguia deter-me.” (Jer. 20:9, Versão Inglesa).

Nos dias apostólicos, o fogo do Espírito incendiou de tal forma os primeiros cristãos, que, nas palavras de LeRoy Edwin Froom, “sem dinheiro, os crentes derrotavam o poderio das riquezas ao seu redor; sem escolas, eles confundiam os letrados rabis; sem poder político ou social, mostraram-se mais fortes que o Sinédrio; não tendo um sacerdócio, desafiavam os sacerdotes e o templo; sem um soldado sequer, foram mais poderosos que as legiões romanas.”

Efetivamente, necessitamos desse fogo para que sejamos purificados da escória da ineficiência, da pusilanimidade, do orgulho e vaidade pessoais. Precisamos tê-Lo, do contrário, não somente seremos inúteis, mas pereceremos. Como disse Charles Spurgeon, “para nós, ministros, o Espírito Santo é absolutamente essencial. Sem Ele o nosso ofício não passa de um nome. Não nos arrogamos sacerdócio além e acima daquele que pertence a todos os filhos de Deus. Mas somos sucessores daqueles que, nos velhos tempos foram movidos por Deus a proclamar a Sua Palavra, a dar testemunho contra as transgressões e a dirigir a Sua Causa. ... Cremos que somos arautos de Jesus Cristo, designados para continuar o Seu testemunho na Terra. Mas, sobre Ele e sobre o Seu testemunho sempre repousou o Espírito de Deus, e se Este não repousa sobre nós, é evidente que não somos enviados ao mundo como Cristo foi. Se não temos o Espírito que Jesus prometeu, não podemos cumprir a comissão que Jesus deu”.

Nenhum pastor precisa viver em persistente fracasso pessoal. O poder para vencer está à disposição. Mas a teoria não basta. A lenha cuidadosamente arrumada não resolve, se não houver fogo.

Deixar o fogo do Espírito arder dentro de nós até ser consumida a fraqueza e desaparecer o pecado, não é uma experiência apenas muito importante. É imperiosa e absolutamente necessária. Essencial e urgente. — *Zinaldo A. Santos.*

MINISTÉRIO

Uma Revista Para Pastores e Obreiros

Ano 68 – Número 05 – Set./Out. 1997 – Periódico Bimestral
Uma Publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

2 DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

O FOGO DO ESPÍRITO
Zinaldo A. Santos

4 ENTREVISTA

NADA A TEMER
William Shea

9 ARTIGOS

O DOM DESCUIDADO
Marcelo Dias

12 JESUS: O LÍDER QUE FALHOU

George Knight

16 EM BUSCA DA EXCELÊNCIA

Zinaldo A. Santos

23 O PASTOR E A ÉTICA

Juan Millanao

PASTOR

26 CHAMADOS PARA SERVIR E SALVAR

Rex Edwards

AFAM

29 AME-SE A SI MESMA

Sara de Faria

32 BIBLIOTECA DO PASTOR

Diretor Geral: Wilson Sarli; **Redator-Chefe:** Rubens S. Lessa; **Editor:** Zinaldo A. Santos; **Revisoras:** Ildete Silva e Mercedes Campos; **Editor de Arte:** Wilson Almeida; **Diagramação:** Vera L. dos Santos; **Colaboradores Especiais:** Alejandro Bullón; José M. Viana; **Colaboradores:** Antônio Moreira; Mário Valente; Jefé Carvalho; Izéas Cardoso; **Capa:** Zinaldo A. Santos.

Visite o nosso site em: <http://www.cpb.com.br> E-mail: Serviço de Atendimento Direto: saa@cpb.com.br
Redação: redacao@cpb.com.br

Todo artigo ou correspondência para a Revista

MINISTÉRIO

deve ser enviado para o seguinte endereço: Caixa Postal 12-2600 – 70279-970 – Brasília, DF.

CASA PUBLICADORA BRASILEIRA – EDITORA DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA
Rodovia SP 127 – km 106 – 18270-000 – Tatuf, SP.

4530

Nada a temer



Dr. William Shea

Quando, aproximadamente 20 anos atrás, a Igreja Adventista necessitou de alguém que liderasse a discussão com Desmond Ford, encontrou no Dr. William Shea seu porta-voz. Amigo do dissidente, qualificado por sua experiência cristã pessoal e profundo conhecimento bíblico, o Dr. Shea cumpriu sua tarefa com amor, firmeza e lealdade. Arqueólogo, doutor em Línguas Orientais pela Universidade de Michigan, atualmente ele está à frente do Instituto de Pesquisas Bíblicas da Associação Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia, onde coordena o trabalho de quatro eruditos: um especialista em Velho Testamento, outro especialista em Novo Testamento, um teólogo e um historiador denominacional. Além de administrar, ele é o responsável pelas traduções.

Nesta entrevista, concedida durante o Concílio Ministerial da Divisão Sul-Americana, realizado no Iaene, nos primeiros dias

de julho, ele fala à *Ministério* sobre a marcha da Igreja, seus desafios, perigos que a ameçam, e mantém firme a confiança: “Não temos absolutamente nada a temer. O Espírito Santo está conosco. Cristo Jesus é o nosso líder. Basta que sigamos os Seus passos vitoriosos.”

MINISTÉRIO: *O senhor esteve diretamente envolvido na confrontação da Igreja Adventista com Desmond Ford. Passados 20 anos, que lições ainda guarda daquela situação?*

DR. SHEA: Acho que a controvérsia com Desmond Ford contribuiu para que passássemos a estudar Daniel e Apocalipse com mais profundidade do que havíamos feito antes. Durante muitos anos, apenas assumíamos que nossa interpretação das profecias eram corretas, e não fizemos o estudo detalhado que deveríamos ter feito. Então, rees-

tudamos os assuntos envolvidos na controvérsia. Como resultado, tive a oportunidade de presidir uma comissão de aproximadamente 25 membros, que esteve relacionada com a produção de sete livros: três volumes sobre Daniel, um sobre Hebreus, um sobre a História da Doutrina do Santuário na Igreja Adventista do Sétimo Dia e dois volumes sobre o Apocalipse. Se não houvesse o confronto com Ford, esses livros não teriam sido escritos.

MINISTÉRIO: *O reestudo a que o senhor se refere resultou em algum reajuste doutrinário?*

DR. SHEA: Nenhum ponto principal de doutrina sofreu qualquer mudança. Mas a interpretação de algumas doutrinas de apoio foi refeita.

MINISTÉRIO: *O senhor concorda em que, a partir daquela controvérsia, houve uma preocupação maior no sentido de a Igreja se identificar mais com os evangélicos?*

DR. SHEA: A Igreja Adventista sempre foi uma Igreja evangélica. Na América do Norte, por exemplo, os evangélicos são conhecidos por algumas características específicas. E isso tem a ver com a forma pela qual eles vêem a vida de Jesus. E, basicamente, existem cinco pontos importantes relacionados com a vida de Cristo: Seu nascimento virginal, Sua vida sem pecado, Sua morte expiatória, Sua ressurreição corpórea e Sua ascensão literal. E nós sempre concordamos com os evangélicos nesses cinco pontos. Por isso, em nenhum momento deixamos de ser evangélicos. Sempre estivemos no mesmo lugar.

MINISTÉRIO: *Mas, sem dúvida, há diferenças entre a Igreja Adventista e as outras denominações.*

DR. SHEA: Bem, cremos que somos um

movimento profético. Fomos chamados à existência num tempo determinado pela profecia bíblica. Temos uma mensagem profética para dar ao mundo. Muitas dentre as outras igrejas perderam esse sentido profético de missão. Agora mesmo estamos mantendo um diálogo com a Igreja Luterana, na Alemanha, cujo fundador, Martinho Lutero, acreditava firmemente nas profecias. Lamentavelmente, os teólogos luteranos, hoje, têm posição inteiramente contrária. Também chamamos a atenção para a Lei de Deus. Muitas igrejas tradicionais fazem isso apenas superficialmente, sem a devida ênfase. E há conhecidas ramificações evangélicas que advogam a abolição dessa Lei. Evidentemente, discordamos. Acreditamos que a Lei de Deus ainda hoje é aplicável em sua totalidade.

MINISTÉRIO: *Há algum propósito especial da parte da Igreja, ao tomar a iniciativa para esse diálogo com os luteranos?*

DR. SHEA: Na verdade, estamos dialogando com várias Igrejas ao mesmo tempo. E eu penso que isso é útil, porque conhecendo melhor suas crenças, com-

preendemos também a sua posição no presente. Ajuda a manter uma relação mais amistosa, o que é muito bom. Será publicado um livro, a partir do diálogo com os luteranos. Esse livro analisará o que eles crêem e o que nós cremos.

MINISTÉRIO: *Alguns evangélicos ainda encaram a Igreja Adventista e a visão que ela tem sobre si mesma, como características de seita. O diálogo atual tem ajudado a modificar essa idéia?*

DR. SHEA: Minha compreensão da filosofia de desenvolvimento dos movimentos religiosos é esta: Há um núcleo primitivo de líderes carismáticos, que se desenvolve naquilo que nós chamaríamos de

seita. As pessoas começam a seguir os primeiros líderes. À medida que o movimento se desenvolve e cresce, ele se torna uma Igreja. Então essas são as três fases de um movimento religioso, e os adventistas já estão na terceira fase. Somos uma Igreja mundial, com aproximadamente nove milhões de membros. Quer dizer, ultrapassamos os limites de uma pequena seita. Os evangélicos sérios já estão percebendo isso.

MINISTÉRIO: *Alguns estudiosos dizem que os movimentos religiosos que se tornam Igreja e ultrapassam os 150 anos de existência, acabam engolidos pelo secularismo e perdem o senso de missão. Nessa terceira fase, a Igreja Adventista não corre o mesmo perigo?*

DR. SHEA: A suposição é correta. Realmente é um perigo. Uma vez que o movimento se torna uma igreja estabelecida, há o perigo de que os membros fiquem acomodados e satisfeitos. Já não se abrem para a liderança da Igreja, o zelo missionário arrefece e se torna uma igreja comum. Esse perigo existe também para nós. Por isso, os líderes devem estar sempre vigilantes. Podemos até sofrer algumas incursões do secularismo, mas a maneira de evitar isso é manter constante vigilância.

MINISTÉRIO: *Parece que em algumas regiões, certos ensinamentos, como o Dom de Profecia, a inspiração da Bíblia e até o literalismo da volta de Jesus, estão sendo questionados. Como a Igreja está enfrentando essas situações?*

DR. SHEA: Vamos situar a natureza do problema. Nós somos criacionistas, mas temos cientistas que estudaram em universidades seculares e assumiram algumas idéias dos respectivos professores. Ao voltarem para ensinar em nossas universidades, continuam adeptos dessas idéias e encontram dificuldades para harmonizar-se com a Bíblia. Eu não conheço nenhum professor adventista que seja um evolucionista

deísta, mas conheço alguns que entendem que deve haver um período maior de tempo para a criação. Esse é um ponto de atrito na Igreja. Temos um Instituto de Pesquisas em Geociência, em Loma Linda, que produz bom material criacionista em defesa da Bíblia. A abordagem liberal do estudo da Bíblia está influenciada pela filosofia do humanismo e do racionalismo. Eruditos não-adventistas de outros seminários, que seguem esse ponto de vista, minimizam o elemento sobrenatural da Escritura. E nós temos alguns eruditos que também foram influenciados por esse ponto de vista. É por isso que temos nossos seminários, nos quais se estuda a revelação e inspiração da Bíblia.

MINISTÉRIO: *E quanto à questão sobre a volta de Cristo?*

DR. SHEA: Até onde eu saiba, todos os adventistas crêm numa segunda vinda literal. Mas agora o que está acontecendo é que como movimento, existimos há mais de 150 anos. E alguns estão se perguntando: Quando Ele virá? Entre os teólogos, discute-se essa suposta demora sob o seguinte aspecto: ela acontece por causa de Deus, ou por nossa causa? Há dois elementos envolvidos aqui. Um é a transcendência de Deus. Seus planos e propósitos fatalmente se cumprirão. Há ainda o papel que os elementos desempenham. Há um texto no Novo Testamento que fala da possibilidade de atrasarmos Sua vinda. Eu harmonizo isso da seguinte forma: Deus cumprirá Seus projetos, e nós podemos afetar até certo ponto, mas não totalmente. Quando falamos sobre atraso, falamos segundo a nossa concepção.

MINISTÉRIO: *Que questionamentos envolvem o ministério de Ellen White?*

DR. SHEA: A questão do Espírito de Profecia é a mesma dos dias de Ford. Ele estava propondo alguns pontos de vista que diferiam da interpretação da Igreja e de Ellen White, especialmente no livro *O*

Grande Conflito. Ele ainda diz que crê no Espírito de Profecia, tal como foi manifestado em Ellen White. Mas quando nós lhe apresentamos uma passagem que discorda de alguma idéia sua, ele simplesmente diz que, quando concordam, ela é inspirada; quando não concordam, ela apenas dá sua idéia pessoal. Não podemos tratar o dom profético dessa forma. Penso que existe na Igreja Adventista um tipo de atitude prática, que faz com que, muitas vezes, não permitamos que seus escritos influenciem muito em nossas decisões. Falando diretamente, queremos viver como o mundo vive, e Ellen White nos chama a um padrão mais elevado de vida. Isso nem sempre agrada, assim como não agradava aos israelitas a palavra dos profetas.

MINISTÉRIO: *Em sua visão de arqueólogo, que ajuda pode oferecer a Arqueologia na solução dos problemas bíblicos anteriormente mencionados?*

DR. SHEA: Em grande parte, a Arqueologia confirma a Bíblia. Mas ainda existem problemas que não foram solucionados. Às vezes, quando o arqueólogo escava, resolve alguns problemas e cria outros. É por isso que a Arqueologia

é um campo ao mesmo tempo desafiante e interessante. Vou dar um exemplo: No livro de Números existe uma cidade chamada Hesbom, que foi conquistada por Moisés na Transjordânia. A equipe de arqueólogos da Universidade Andrews foi escavar esse sítio que os Árabes chamam Hesbom. Encontramos a Hesbom do tempo de Jeremias, Hesbom do tempo de Isaías, Hesbom do tempo de Davi e Salomão. Mas quando fomos ao nível mais inferior, aquela cidade particular não remontava ao tempo de Moisés. Então teríamos que adotar uma dentre duas soluções: dizer que a Bíblia está errada, ou dizer que não entendemos plenamente a Hesbom da Bíblia. Há casos na Bíblia em que cidades foram mu-

dadas, e nós temos muitos exemplos modernos disso. Noutros casos, os nomes foram mudados.

MINISTÉRIO: *Que descobertas mais recentes e mais importantes o senhor poderia citar?*

DR. SHEA: Há um constante progresso nas descobertas arqueológicas. Vou citar apenas um caso. Ao escavar Hesbom encontramos um selo, do Rei Bel, mencionado no livro de Jeremias. Ele mandou atacar os judeus que restaram do tempo de Nabucodonosor. Foi a primeira vez que encontramos uma referência direta desse rei. É um pequeno ponto, mas há grandes descobertas como os rolos do Mar Morto, ou as crônicas de Nabucodonosor, que se encontram no Museu Britânico. São descobertas importantes.

Ao olharmos o mundo religioso em geral, na realidade, o adventismo do sétimo dia tem sido aceito mais e mais. No entanto, a profecia aponta para um tempo quando nós seremos menos e menos aceitos.

MINISTÉRIO: *Como o senhor vê a Igreja Adventista, no limiar de um novo século?*

DR. SHEA: Vejo-a diante de desafios e enfrentando alguns perigos. O desafio maior é a difusão contínua da nossa mensagem por todo o mundo. O perigo maior é que fiquemos parados e satisfeitos com

nossa situação, permitindo que o materialismo e o secularismo nos afetem e nos tornem mais fracos.

MINISTÉRIO: *Há um crescente e intenso interesse na liberdade religiosa. Devemos lutar por isso, ou deveríamos deixar as coisas seguirem seu curso natural para o cumprimento das profecias?*

DR. SHEA: Essa é uma pergunta difícil. Ao olharmos o mundo religioso em geral, na realidade, o adventismo do sétimo dia tem sido aceito mais e mais. No entanto, a profecia aponta para um tempo quando nós seremos menos e menos aceitos. O que necessitamos é ter em mente que os eventos podem mudar muito rapidamente. Nós te-

mos um exemplo clássico disso, na queda do muro de Berlim e na derrocada do comunismo. Quem poderia prever que tudo isso, hoje, estaria no passado? Hoje, a Igreja Adventista pode ser aceita e sentir-se favorecida. Mas, amanhã, as coisas podem estar contra nós.

MINISTÉRIO: *Falando nesse contexto, em que pé estão os trâmites para a legislação dominical imposta nacionalmente, nos Estados Unidos?*

DR. SHEA: A Suprema Corte dos Estados Unidos declarou que as leis dominicais são legais. Muitos Estados americanos mantêm leis nesse sentido, que remontam a dois séculos, mas não estão em vigor. Agora a Suprema Corte decide por sua legalidade. Evidentemente, para a Igreja Adventista, teria sido bom se a declaração fosse ao contrário. Em fins de junho, a mesma Suprema Corte tomou outra decisão sobre liberdade religiosa. Em 93 o Congresso americano aprovou uma lei sobre liberdade religiosa, a qual enfrentou protestos da Igreja Católica do Texas. O caso foi para a Suprema Corte, que deu o veredicto segundo o qual a lei aprovada pelo Congresso é inconstitucional. Os adventistas e os evangélicos se pronunciaram dizendo que a decisão era um retrocesso para a liberdade religiosa. No momento, não existe nada específico para aprovação de uma lei dominical nacional. Mas isso pode mudar a qualquer momento.

MINISTÉRIO: *Globalização parece ser a palavra do momento. O senhor acha que o fenômeno que ela representa favorece ou ameaça a unidade denominacional?*

DR. SHEA: Eu vejo isso com um pouco de cuidado. Talvez o perigo seja a repetição do que aconteceu quando os gregos levaram sua cultura para o Oriente Médio, no fenômeno chamado helenismo, e o impacto causado sobre os judeus. A questão atual é: até que ponto nossa ado-

ção e nosso culto estão sendo afetados por elementos culturais externos? No momento, a Igreja Adventista ainda é uma igreja mundial. Mas a liderança da Associação Geral está atenta aos perigos. Existe o risco, por exemplo, de a Igreja no Zaire ficar independente. Isso aconteceu com a Igreja Metodista e pode acontecer conosco. A unidade administrativa ainda está intacta. Mas há o perigo de romper-se, em algum lugar.

MINISTÉRIO: *Mas o helenismo também favoreceu a pregação da Igreja primitiva. Não seria um fator positivo para a Missão Global?*

DR. SHEA: No momento, a tecnologia moderna tende a nivelar as culturas do mundo. Por conseguinte, tende a favorecer o acesso da Igreja a todas as partes do mundo. A Rádio Mundial é um bom exemplo. Ela está alcançando um milhão de pessoas na China. São homens e mulheres que não poderiam ser alcançados de outra forma.

MINISTÉRIO: *Esta é uma oportunidade para o senhor enviar uma mensagem especial à liderança da Igreja Adventista, no Brasil.*

DR. SHEA: Fidelidade à Bíblia, nosso firme fundamento. Se a Igreja permanecer fiel às Escrituras, jamais se afastará dos caminhos de Deus. Foi esta a mensagem de Paulo a Timóteo: "Prega a Palavra." Que se empenhe na pregação das três mensagens angélicas, com o poder do Espírito Santo. Temos uma mensagem especial, para um tempo especial, que precisa ser dada ao mundo. Finalmente, que pregue a verdade, em amor. Ellen White diz que não há maior argumento do que um amável e amorável cristão. Nem sempre o que falamos tem a força daquilo que vivemos. E mais uma coisa: apesar de todas as dificuldades, a Igreja não tem absolutamente nada a temer. O Espírito Santo está conosco. Cristo é nosso líder e já venceu Satanás. Basta-nos seguir os Seus passos vitoriosos.

O Dom descuidado

MARCELO DIAS

*Estudante do terceiro ano do curso
de Teologia, no Salt-IAE*

*O cultivo da voz resulta em
mais saúde, melhor comuni-
cação e mais poderosa
pregação do evangelho*

A habilidade de produzir sons é o primeiro sinal de vida. E, ao longo de toda a existência de um ser humano, os sons servirão para transmitir idéias, distinguindo-o como pessoa, um ser inteligente. Mais do que merecer a caracterização de século da máquina, nosso século marca também a redescoberta do valor da voz. A comunicação falada voltou a ser o grande instrumento de divulgação do pensamento. O telefone tomou o lugar das cartas, na comunicação à distância; o rádio e a televisão suplantaram a comunicação escrita.

O mecanismo vocal humano merece compreensão e respeito por ser o instrumento que permite produzir um tipo de som qualitativamente distinto; a voz é uma identidade da pessoa, tal qual uma impressão digital. Para o cristão, entretanto, merece ainda maior atenção o cultivo da voz, por se tratar de um instrumento fundamental para a divulgação do evangelho, no púlpito ou através do contato pessoal.

Diz Ellen White que “a fala é um talento. De todos os dons concedidos à família humana, nenhum outro deve ser mais apreciado do que o dom de falar”¹; e acrescenta: “Com a voz convencemos e persuadimos; com ela elevamos orações e louvores a Deus, e também falamos a outros do amor do Redentor.”²

Talvez a idéia mais completa sobre todos os conselhos que transparecerão neste artigo seja a de Paulo, o grande orador da Igreja cristã primitiva, ao escrever aos cristãos colossenses: “A vossa palavra seja sempre agradável, temperada com sal, para que saibais como deveis responder a cada um.” (Col. 4:6).

Mas antes de saber como temperar as palavras, é bom verificar como funciona a voz humana. O aparelho vocal pode ser comparado a um simples órgão de tubos de uma igreja. Esse instrumento compõe-se de três partes: um fole, uma palheta e um tubo ou caixa de ressonância. Especificamente, no caso do aparelho fonador, a comparação pode ser feita dividindo-se em três partes: uma que exerce a função de fole, envolvendo a caixa torácica, os pulmões e o diafragma, sendo este o principal músculo. Outra parte que corresponde ao vibrador, abrangendo a laringe e, especialmente, as cordas vocais; os ressoadores, compostos pelas narinas, boca e faringe. Finalmente, os articuladores, que são os lábios, a língua, os dentes e palatos.

Respiração

O primeiro passo para a produção da fala é a respiração, o movimento do ar que possibilita a vibração das cordas vocais. Ao contrário de músculos como o do coração, os músculos do pulmão não se contraem por si mesmos, e sim quando recebem sinais dos nervos. Daí a necessidade de se buscar o desenvolvimento e a educação no sentido de se praticar a respiração de forma correta. Apesar de a respiração ser um ato inconsciente,

seu aprendizado correto requer atenção consciente.

Há muito tempo, Ellen White disse como deveria ser a respiração: "Muitos que têm morrido poderiam ter vivido caso lhes tivesse sido ensinado como fazer uso da voz, de maneira correta. O devido uso dos músculos abdominais no ler e falar, mostrar-se-á remédio para muitas anomalias da voz e do tórax, e meio de prolongar a vida."³

Quando o ar expande os pulmões, o diafragma é empurrado para fora e para baixo. Ao voltar à posição normal, para dentro e para cima, ele espreme os pulmões, que expelam o ar e se esvaziam. Uma boa respiração, no falar em público, envolve uma expiração controlada. O problema não é respirar maior quantidade de ar, mas controlar o seu uso.

De acordo com Ilion Jones, uma boa maneira de praticar a respiração diafragmática é respirar fundo e começar a falar cada palavra com o ar sob bastante pressão, cuidando para não exagerar. Então, descobrir a quantidade ideal de ar para dizer a frase até a pausa natural.⁴

"A educação da voz ocupa um lugar importante na cultura física, visto que ela tende a expandir e fortalecer os pulmões, e desta maneira afastar as moléstias."⁵

Fonação

O segundo aspecto da fala é a fonação. Uma vibração é produzida pelo ar expelido pelos pulmões ao encontrar as cordas vocais. O som emitido por essas cordas ressoa, num processo que envolve a laringe, a boca e o nariz. A ressonância deve ter uma participação equilibrada desses órgãos, caso contrário, a voz terá deformações.

Na produção da voz, duas características especiais devem ser lembradas:

1. Volume. É a força da compressão do ar contra as cordas. Obviamente, para que alguém se torne um pregador, há necessidade de falar alto o bastante para ser ouvido. O volume do som emitido resulta de três fatores: "quanta energia você usou para produzir o som, a distância entre o pregador e a congregação e a acústica do lugar onde se está falando."⁶

Como outros aspectos da oratória, aqui também é preciso variação. Tanto a ênfase como a suavidade são maneiras de salientar.

Uma grande variação no volume da voz adicionará enorme interesse à congregação.

2. Timbre. É a cor do som produzido pela faringe. Ele será mais agudo ou mais grave, de acordo com a tensão nas cordas. A questão do timbre, assim como o volume, é de extrema importância no relacionamento orador-congregação. As vozes agudas são menos atrativas para o ouvido humano que as graves. Uma vez que não é possível alterar o timbre da voz, pode-se alterar o seu tom.

Comunicadores eficientes são normalmente caracterizados pelo uso de uma grande inflexão da voz. "Eles fazem o uso máximo das suas vantagens vocais, evitando estabelecer um monótono zumbido que põe as pessoas a dormir."⁷ Como já ensinava o príncipe dos pregadores, Charles Spurgeon, "trovão não é relâmpago".

Dicção

A parte final da produção da voz é a dicção ou articulação, isto é, a transformação dos sons em palavras. Tem a ver com a clareza e distinção com que elas são pronunciadas.

Funcionalmente, a articulação é feita pela boca, língua, pelos dentes e lábios, parando, obstruindo ou modificando o ar vibrado. Nas palavras, a vogal é um som conseguido pela livre e desobstruída passagem de ar, enquanto a consoante é um som formado por uma ou mais interrupções causadas pelos órgãos articulativos.

"A rigor, elas [as consoantes] não constituem sons em si, mas sim modificações introduzidas nas vogais. Por exemplo, é impossível dizer as consoantes 'b' ou 'p' desacompanhadas de vogais. Além disso, é essencial interpor um obstáculo à passagem do ar, para que as consoantes possam ser emitidas. No caso de 'b' e de 'p', o obstáculo dos lábios é indispensável. Já 'l', 's' e 'z' dependem da língua. Outras, como 'd' e 't', são modificadas pelos dentes. Por outro lado, as consoantes guturais, como 'q', são bloqueadas no fundo do palato, na garganta. As cavidades nasais, por sua vez, também colaboram nesse trabalho. As consoantes 'm' e 'n', por exemplo, encontram obstáculo nos lábios, mas são modificadas pelas narinas."⁸

A cura para a articulação defeituosa, entretanto, não é o excesso de precisão cansati-

va e pedante que leva os ouvintes a prestar atenção nas manobras linguais, dentais e labiais do orador, mas a enunciação simples e natural das palavras e frases. “Se o orador resmungar ou emenda as palavras, sua platéia terá que lutar para compreendê-lo. Rapidamente eles cansarão de se esforçar, tornar-se-ão frustrados e cessarão de tentar entender.”⁹

Em termos de dicção, ainda é necessário atentar para dois itens:

1. Velocidade. É preciso evitar os extremos no aspecto da velocidade. O nervosismo tende a fazer com que o pregador fale muito rápido; mas uma dicção muito lenta é pior ainda. A velocidade com que o pregador fala deve variar, assim como o volume e o timbre, para que a mensagem não seja cansativa e enfadonha.

2. Pausas. As pausas são um recurso a mais na oratória, o qual deve ser utilizado. Fisicamente elas têm importância, uma vez que precisamos respirar. Mas, na pregação, as pausas são a pontuação do discurso oral. Para a congregação não existe crase, ponto, vírgula, hífen, etc. Esses efeitos são indicados pelas pausas.¹⁰

É imprescindível a atenção para lutar contra alguns vícios. Por exemplo, a mania de completar esses períodos de silêncio com “é...”, “hum...” ou “ah...”; ou criar pausas sem intenção, simplesmente pelo fato de os pensamentos não fluírem livremente devido ao nervosismo ou esquecimento.

Ellen White aconselha enfaticamente sobre a dicção: “Os ministros e mestres devem disciplinar-se para uma pronúncia clara e distinta, fazendo soar perfeitamente cada palavra. Os que falam rapidamente, da garganta, misturando as palavras entre si, e elevando a voz a um diapasão fora do natural, dentro em pouco enrouquecem, e as palavras proferidas perdem metade da força que teriam se proferidas devagar, com clareza, e não tão alto.”¹¹

Lembre-nos sempre de que voz, influência e tempo são dons de Deus e devem ser usados para conduzir perdidos a Cristo. “Jesus é nosso exemplo. Sua voz era musical, e nunca a erguia ao agudo, enquanto estava falando às pessoas. Ele não falava muito rápido a ponto de as palavras se emendarem umas às outras e se tornar difícil de compreendê-las. Pronunciava distintamente

cada palavra, e aqueles que ouviam a Sua voz testemunhavam nunca terem ouvido um homem falar como Ele.”¹²

As pessoas deleitavam-se em ouvir Jesus falar. O evangelista Marcos diz que “a grande multidão O ouvia de boa vontade”. (Mar. 12:37).

Finalmente, “sob a direção do Espírito Santo, jamais a fala será indistinta. O Espírito utiliza o instrumento humano para apresentar as coisas de Deus às pessoas. Portanto, deixemos que as palavras saiam de nossos lábios na mais perfeita forma possível”.¹³

Referências

1 Ellen White, *Conselhos Sobre Mordomia*, 3ª ed., Casa Publicadora Brasileira, pág. 115.

2 Ellen White, *Parábolas de Jesus*, Casa Publicadora Brasileira, pág. 335.

3 Citado in Loyd M. Perry, *Biblical Preaching for today's World*, pág. 189.

4 Ilion T. Jones, *Principles and Practice of Preaching*, pág. 206.

5 Ellen White, *Educação*, Casa Publicadora Brasileira, pág. 199.

6 Duane Litfin, *Public Speaking*, 2ª ed., pág. 327.

7 Joel Gregory, *Handbook of Contemporary Preaching*, pág. 3325.

8 *Medicina e Saúde*, vol. 2, pág. 402.

9 Duane Litfin, *Op. Cit.*, pág. 326.

10 Antônio Caracciolo, *Principi di Omiletica*, pág. 88.

11 Ellen White, *Obreiros Evangélicos*, Casa Publicadora Brasileira, pág. 91.

12 Ellen White, *Review an Herald*, 05/03/1895.

13 Ellen White, in *The Voice in Speech an Song*, pág. 189.

Erramos

Na matéria “A bem da verdade”, da última edição da *Ministério*, foi cometido um engano. À página 26, primeiro parágrafo, onde se lê “Foi apenas no início de outubro de 1884 que ele aceitou a idéia de que as 2.300 tardes e manhãs terminariam no dia 22 de outubro daquele ano...”, leia-se: “Foi apenas no início de outubro de 1844...”

Jesus: o líder que falhou

GEORGE KNIGHT

*Professor de História da Igreja Adventista, na Universidade Andrews,
Berrien Springs, Michigan, EUA*

Aquela fora uma semana terrível. Três membros da igreja haviam apresentado reclamação contra mim, a reunião da comissão se transformara numa batalha do começo ao fim, um garoto havia tirado a própria vida e meu sermão tinha sido um desastre.

Talvez eu estivesse na profissão errada. Acho que eu não deveria ser um pastor, nem mesmo um líder da igreja. "O melhor", pensei, "é pegar meu boné e cair fora. Tenho de admitir que falhei."

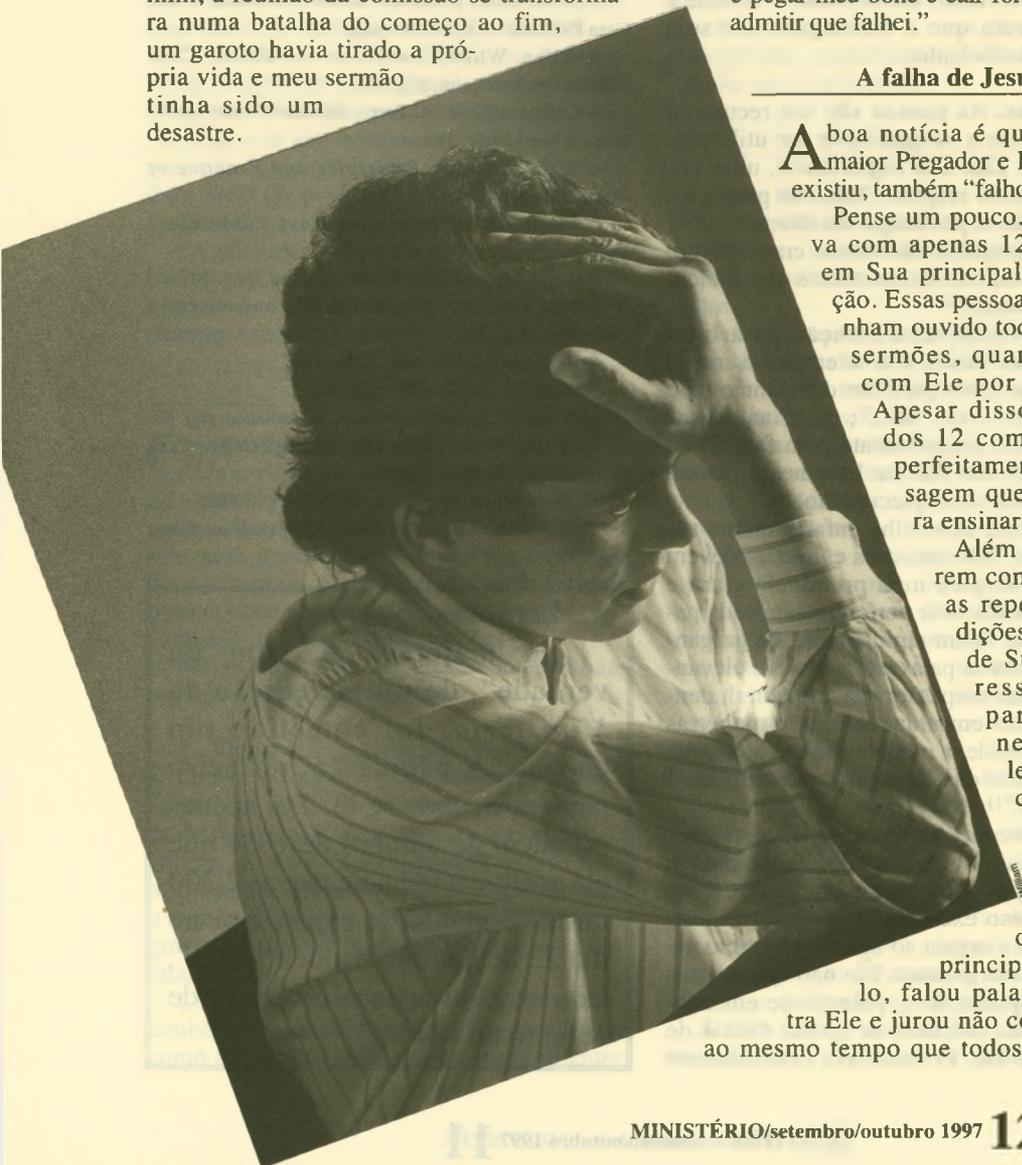
A falha de Jesus

Aboa notícia é que Jesus, o Amador Pregador e Líder que já existiu, também "falhou".

Pense um pouco. Ele contava com apenas 12 membros em Sua principal congregação. Essas pessoas não só tinham ouvido todos os Seus sermões, quanto vivido com Ele por três anos. Apesar disso, nenhum dos 12 compreendera perfeitamente a mensagem que Ele tentara ensinar.

Além de não terem compreendido as repetidas predições a respeito de Sua morte e ressurreição, parece que nenhum deles havia se convertido antes da crucificação. Um

O traiu, outro, o principal discípulo, falou palavras contra Ele e jurou não conhecê-Lo, ao mesmo tempo que todos os demais



prosseguiam “disputando sobre qual deles era considerado o maior”, exatamente no momento em que Ele falava de Sua disposição de morrer por eles. Até mesmo no caminho do Getsêmani, esse era o assunto predileto dos discípulos (Mat. 26:69 a 75; Luc. 22:14 a 53; Mat. 20:17 a 28). Eles não haviam aprendido nem o mais rudimentar, entretanto eram os discípulos de que Jesus dispunha para a liderança de Sua igreja.

Falando sobre falhar... Jesus tinha chegado ao final de Seu ministério sem que qualquer dos discípulos demonstrasse compreendê-Lo de fato. Foram três anos de doutrinação intensiva, sem qualquer conversão no círculo mais íntimo. Três anos de pregação e nenhuma reação positiva do auditório.

Como você se sentiria nessa situação? Seria capaz de dar a vida por essas pessoas? E o pior que esses discípulos não convertidos representavam apenas a ponta do iceberg da falha de Jesus. Enquanto Ele pendia da cruz, “os que iam passando, blasfemavam dEle, meneando a cabeça, e dizendo: ‘Ó tu que destróis o santuário e em três dias o reedifi-

cas! Salva-Te a Ti mesmo, se és Filho de Deus! E desce da cruz!’ De igual modo os principais sacerdotes, com os escribas e anciãos, escarnecendo, diziam: ‘Salvou os outros, a Si mesmo não pode salvar-Se. É rei de Israel! Desça da cruz, e creemos nEle. Confiou em Deus; pois venha livrá-Lo agora, se de fato Lhe quer bem; porque disse: Sou Filho de Deus. E os mesmos impropérios Lhe diziam também os ladrões que haviam sido crucificados com Ele.’” (Mat. 27:39 a 44)

Você seria capaz de dar a vida por essas pessoas? Se eu fosse Jesus, teria descido da cruz e mostrado para eles, com todos os detalhes, quem era. Com um estalar de dedos teria implodido essa “igreja” teimosa e maledicente, e ainda acho que seria pouco. O melhor mesmo teria sido colocá-los em cima de uma chapa bem quente para que fossem torturados devagarinho e certamente sairiam dali bem ativos para espalhar minha mensa-

gem. Duvido que algum deles se esquecesse dessa lição bem dada!

Para resumir, acho que jamais eu morreria por aqueles discípulos nem pela multidão obstinada. Mas Jesus morreu.

Mesmo ao sair do túmulo, parecia que Jesus havia falhado. Se Sua liderança e ministério tivessem de ser julgados simplesmente pelos olhos e padrões humanos, Jesus teria jogado no lixo Seus sermões e entregue Sua credencial.

Não quero ser como Ele

Os cristãos ouvem sempre que devem ser como Jesus. Mas nesse particular acho difícil desejar ser como Jesus. Não quero ser um líder cristão que falha. Não gosto de dias desanimadores ou lidar com pessoas indisciplinadas e teimosas. Tenho vontade de largar tudo e começo até a imaginar como seria melhor o mundo (ou pelo menos o ministério) sem minha interferência.

Simplificando as coisas: eu gosto mesmo é de ter sucesso. Nada como a prosperidade. E não estou querendo dizer sucesso incidentalmen-

te. Desejo o sucesso já, e de forma que possa vê-lo, tocá-lo, senti-lo de todas as formas e, o que é melhor, falar dele e chamar a atenção de todo o mundo: “Olhem para mim!”

Não quero ser como Jesus. Não desejo imitar um líder que falhou. Minha vontade é ser maior do que Jesus. Tudo o que eu tocar deve se transformar num sucesso brilhante. O único problema com esse desejo é que ele não tem como se concretizar. Tenho de enfrentar os mesmos problemas e o mesmo tipo de pessoas que Jesus enfrentou. E a dura realidade é que geralmente obtenho os mesmos resultados que Ele. Eu também falho.

Sucesso além do fracasso

Entendo que aparentes fracassos não podem ser confundidos com fracassos definitivos. Ainda me lembro da primeira sé-

rie de conferências que dirigi. Foi na cidade de Corsicana, Texas, Estados Unidos. Era uma cidade com 26 mil habitantes, e possuía uma igreja adventista com 12 membros. Quase todos eles tinham cerca de 70 anos ou mais, e só havia um homem. Eu estava com 26 anos. Não tenho nada contra as mulheres nem nada contra as pessoas idosas. Mas fiquei desesperado procurando um casal de jovens para que servissem como ponto de contato com os jovens que eu esperava converter.

Logo descobri que havia um moço adventista estudando naquela cidade. Visitei-o no dormitório, orei com ele, e insisti para que freqüentasse as reuniões. Ele nunca foi. Falhei nesse ponto e, por alguma razão, essa falha me marcou muito.

Nessa época, aliás, eu estava às voltas com diversos fracassos. O resultado foi que na primavera de 1969 decidi entregar minhas credenciais ministeriais. Diferente de Jesus, eu desisti de tudo. Até do adventismo e do cristianismo.

Poucos anos depois, certo dia peguei o carro e sai para ir até uma confeitaria comprar algumas coisas para minha mulher, em Keene, no Texas, perto de onde há um colégio adventista. Já estava saindo da confeitaria quando fui parado por um jovem.

— O seu nome é George Knight?

— Sim.

— Não se lembra de mim?

— Em geral, não gosto de admitir que não me lembro, mas nesse dia estava tão chateado que fui logo dizendo que não o reconhecia.

— O senhor me visitou no dormitório, em Corsicana. Aquela visita mudou minha vida. Agora estou fazendo o curso de teologia.

Não contei a ele o que eu havia feito. Naquele momento, compreendi que eu tivera sucesso, sim, mas não sabia. Eu havia plantado as sementes e elas germinaram sem que eu me apercebesse disso.

O meu problema foi (e ainda é) querer semear, regar, cultivar e colher, tudo, em apenas três semanas. Não tinha paciência nem queria tolerar a espera, que me parecia um fracasso. Só me interessava o sucesso imediato. Eu não queria ser como Jesus. Na verdade, desejava ser melhor do que Ele.

O que aprendi, desde aquela época, foi que uns plantam, outros regam e outros co-

lhem. Tenho que repetir para mim mesmo, com freqüência, que o Espírito Santo é quem silenciosamente atua nos corações em cada estágio, e isto é o que importa — a obra do Espírito na alma das pessoas a quem prego.

Eu estava julgando mal o ministério de Cristo e, por isso, sob qualquer critério exterior, me parecia que Ele falhara. Embora Ele tenha plantado e regado, foi somente após Sua ressurreição e o Pentecostes que o fruto começou a sazonar por toda a parte. Essa é também a nossa experiência no ministério.

Promessa especial

Uma das mais significativas promessas, dentre as escritas por Ellen G. White, tem a ver com esse assunto. Falando da manhã da ressurreição, destaca que o anjo que cuidou de nós em vida irá nos informar sobre “a história da interposição divina na vida individual, e da cooperação celeste em toda a obra em prol da humanidade.

“Todas as perplexidades da vida serão então explicadas. Onde para nós apareciam apenas confusão e decepção, propósitos frustrados e planos subvertidos, ver-se-á um propósito grandioso, predominante, vitorioso, uma harmonia divina.

“Ali, todos os que trabalharam com um espírito desinteressado contemplarão os frutos de seus labores. Ver-se-á o resultado de todo princípio correto e nobre ação. Alguma coisa disto aqui vemos. Mas quão pouco dos resultados dos mais nobres trabalhos deste mundo é o que se manifesta nesta vida aos que os fazem! Quantos labutam abnegadamente, incansavelmente por aqueles que ficam além de seu alcance e conhecimento! Pais e professores tombam em seu último sono, parecendo o trabalho de sua vida ter sido feito em vão; não sabem que sua fidelidade descerrou fontes de bênçãos que jamais poderão deixar de fluir; apenas pela fé vêem as crianças que educaram tornar-se uma bênção e inspiração a seus semelhantes, e essa influência repetir-se mil vezes mais. Muito obreiro há que envia para o mundo mensagens de alento, esperança e ânimo, palavras que levam bênçãos aos corações em todos os países;

mas, quanto aos resultados, nada sabe, afadigando-se ele em solidão e obscuridade. Assim se concedem dons, aliviam-se cargas, faz-se trabalho. Os homens lançam a semente, da qual, sobre as suas sepulturas, outros recolhem a abençoada messe. Plantam árvores para que outros comam o fruto. Aqui estão contentes por saberem que puseram em atividade forças para promover o bem. No além serão vistas a ação e reação de todas estas forças.” (*Educação*, págs. 305 e 306).

Que promessa maravilhosa! Que realidade surpreendente!

Temos de entender que, como pregador e líder, o fracasso de Jesus foi apenas aparente. Ele obteve o maior sucesso de todos os tempos. Foi capaz de perseverar no momento do maior desânimo porque via além da mera evidência física.

Um dia com Jesus

Devemos realizar nosso ministério com a mesma visão das coisas. Temos de encarar nosso ministério e liderança conforme a visão do Espírito Santo que acompanhava a vida e ministério de Jesus. Por causa dos objetivos dos evangelhos, acabamos ficando com a impressão de que

os três anos passados por Jesus com os discípulos foram feitos só de milagres, grandes sermões e sucesso espantoso.

Entretanto, eu acho que o ministério diário de Jesus tinha uma aparência bem diferente para quem estava metido nas sandálias dos discípulos. Para eles, a maior parte dos dias com Jesus eram dias de muito calor, poeira e cansaço. Por que Jesus quer continuar caminhando? Ele não percebe que já estamos caindo de fome? E eu tenho que agüentar esse falador chamado Pedro, aqui do meu lado, além de Tiago e João, que tiveram a coragem de trazer sua mãe (provavelmente tia de Jesus) para ver se conseguem uma po-

sição privilegiada no reino, e até esse atrevido Judas e o resto dos queixosos e resmungões?

Olhando de perto, os dias deles não eram muito diferentes dos nossos. Então, nós (da mesma forma que Jesus) temos de olhar para além das perspectivas diárias recheadas de motivos para desânimo, conforme encontramos na igreja e em nossa vida e verificar que Deus está atuando nos bastidores, a despeito das falhas e fraquezas humanas.

Nossa responsabilidade

Nossa responsabilidade não é ficar preocupados com a vitória final, mas fazer a nossa parte a cada dia. Posso me recordar de mais de 20 anos atrás, quando estava começando como professor da Universidade Andrews. Eu era um jovem e deslumbrado filósofo educacional com idéias revolucionárias e a firme esperança de reformular tudo e colocar as coisas no eixo. Mas as reformas não caminharam na velocidade que eu esperava. Para ser sincero, a maior parte das coisas não sofreu alteração desde a minha chegada. E eu estava com vontade de largar tudo e fazer algo verdadeiramente útil!

A sorte é que agora já aprendi um pouco a respeito dos “fracassos” de Jesus. Finalmente caí de joelhos diante de Deus e me consagrei à Obra, desde que Ele me ajudasse a impressionar pelo menos uma alma por ano com o Seu evangelho de amor e verdade.

Ele tem cumprido Sua parte nesse acordo. Em alguns anos, tenho até conseguido impressionar a bem mais do que uma pessoa com as maravilhas da graça divina. Através dos anos, a maior inspiração de meu ministério tem sido o exemplo de Jesus, o líder que fracassou, mas chegou ao sucesso de maneira tão maravilhosa.

Em busca da excelência

ZINALDO A. SANTOS

Editor de Ministério

Assistir a encontros especiais não é novidade para os pastores. Frequentemente eles são convocados para reuniões onde se discute alvos, metas de trabalho e estratégias para alcançá-los. A liderança do Campo ou instituição a que servem espera, com justa razão, que eles compareçam levando informações sobre o que foi feito em suas respectivas áreas de ação ou distritos. Anual, semestral ou trimestralmente isso acontece. E embora também participem de programações eminentemente inspiradoras e de confraternização, até com a presença de esposas e filhos, essas não são realizadas com a frequência desejada por todos.

Por isso, o Concílio Ministerial da Divisão Sul-Americana, realizado em julho, pro-

porcionou aos pastores uma ocasião especial para reflexão, inspiração, oração, reciclagem teológica e confraternização; tudo em nome da eficiência pastoral. Aguardado com muita expectativa, o encontro foi inédito, segundo os líderes da Associação Ministerial da DSA. Assim mesmo, as esposas não puderam estar presentes, a não ser aquelas que lideram a Área Feminina da Associação Ministerial, Afam, ou o Ministério da Mulher nos diversos Campos e Uniões. Seria impossível acomodar tanta gente.

O Concílio foi subdividido em várias sedes: Instituto Adventista de Ensino do Nordeste, Iaene, nos dias 1º a 5 de julho, reunindo pastores das Uniões Norte e Nordeste. Instituto Adventista de Ensino,

Pastores das Uniões Norte e Nordeste, reunidos no Iaene

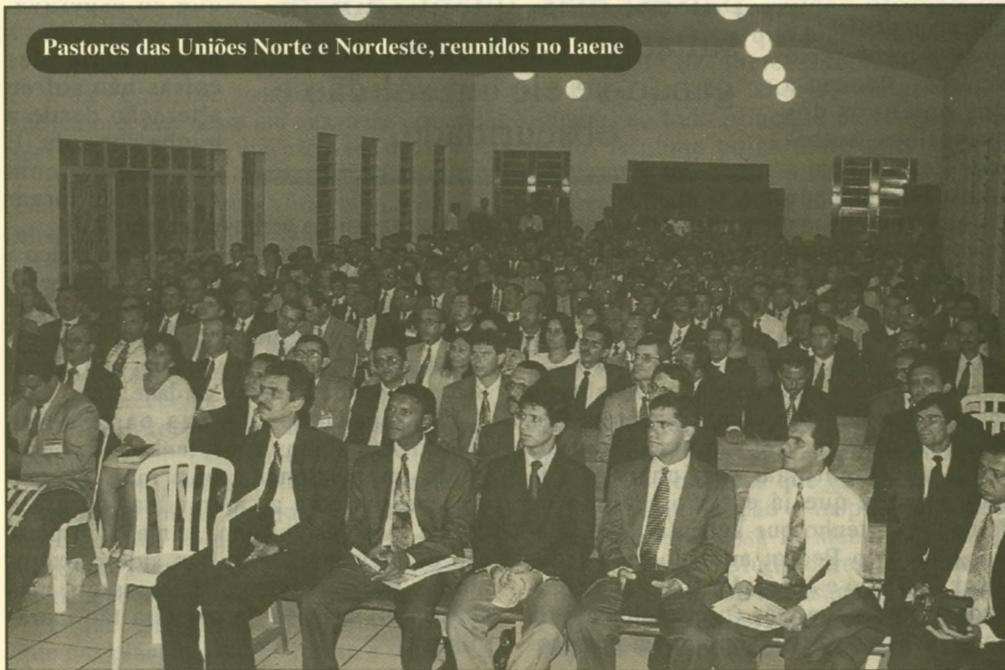


Foto: Zinaldo

Pastor Joel Sarli: "Precisamos ter fé no que Deus falou."



IAE, campus central, entre os dias 8 e 12 de julho, para os pastores das Uniões Este, Central e Sul. As equipes das Uniões Austral e Chilena estiveram em Foz do Iguaçu, durante os dias 15 a 19 de julho, e, na cidade de Ñaña, foram reunidos os pastores das Uniões Peruana e Boliviana, e Missões Equatorianas do Norte e do Sul.

Programação rica

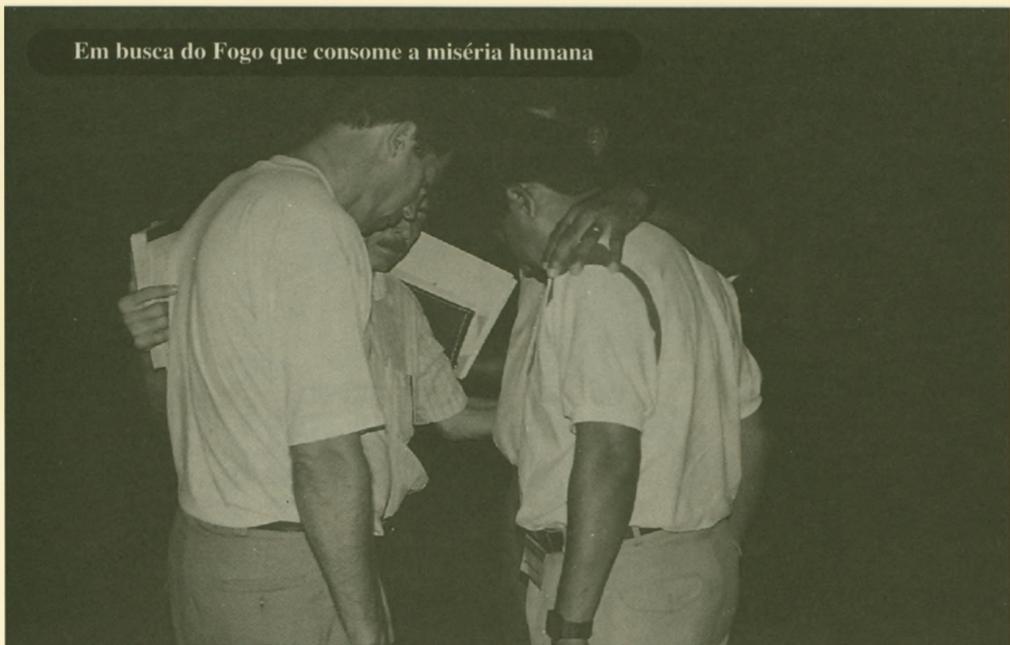
Na verdade, o Concílio Ministerial que envolveu a Divisão Sul-Americana foi uma iniciativa da Associação Geral. "Normalmente, este encontro era realizado por ocasião das assembléias mundiais. A partir deste quinquênio, está sendo levado às Divisões", como explica o Pastor Alejandro Bullón, secretário ministerial da DSA. Dessa forma, até o final do ano, todas as Divisões mundiais serão beneficiadas.

Falando de suas expectativas quanto ao evento, o Pastor Bullón afirmou: "Gostaria de ver línguas de fogo consumindo a miséria humana e habilitando-nos para terminar a Obra de Deus. Fogo transformando vidas, fogo preparando-nos para levar a Igreja ao último capítulo de sua história." Na mesma linha de pensamento, argumentava também o secretário ministerial associado, Pastor José Viana: "Um Concílio Ministerial é um

ponto de convergência de muitas expectativas: o reencontro com ex-colegas e amigos; o retorno à atmosfera acadêmica _ sinônimo de atualização e reciclagem; o desejo de receber um sopro novo do Espírito Santo que infunda poder e robusteza a fé."

Para isso, a programação da DSA foi elaborada com sabedoria e cuidado. A começar pela escolha dos palestrantes: Drs. Joel Sarli, Teófilo Ferreira, William Shea, Rex Edwards, Nikolaus Satelmajer, Raúl Castillo, Maurice Battle, Stoy Proctor, da Associação Geral; Dr. César Vasconcellos, do Hospital Adventista Silvestre; Dr. Juan Millanao, do Salt-IAE; Pastores Orlando Ritter, do IAE, campus de São Paulo; Alejandro Bullón, da DSA; e Williams Costa Júnior, do *Está Escrito*; além das Professoras Margarida Sarli, da Associação Geral; e Vasti Viana, da Divisão Sul-Americana. Dois palestrantes (os Pastores James Cress, secretário Ministerial da Associação Geral; e Wilmore Eva, editor de *Ministry*) não puderam comparecer.

As atividades seguiram um padrão que se repetia diariamente. Cada dia começa com uma mensagem devocional, seguindo-se duas conferências plenárias. As tardes foram dedicadas aos seminários, programados para que cada pastor assistisse a cinco deles. Os temas variavam entre disciplina eclesíastica, liderança profética, Bíblia e ciência, solução de conflitos na igreja, pregação bíblica, ad-



ministração, música, aconselhamento pastoral, princípios de saúde, missão, família e evangelismo pessoal.

Uma inspiração à parte foram as apresentações do Pastor Orlando Ritter. Considerado expoente denominacional na área de Ciência e Religião, deu uma visão geral da interação entre darwinismo e criacionismo através dos tempos, contrapondo às hipóteses materialistas a verdade do texto bíblico.

Cada noite, numa mesa-redonda, discutia-se um dos seguintes temas: Repúdio e novo casamento, Os perigos da Nova Era, e Autoridade da Igreja. Se não foram dadas

respostas dogmáticas às questões formuladas, a discussão serviu para delinear ou reafirmar princípios que certamente contribuirão para uma ação pastoral unida, diante dos problemas relacionados com as áreas abordadas. O assunto que requereu mais demorada discussão foi a questão conjugal. Aliás, muitos dentre os participantes consideraram limitado o tempo destinado à mesa-redonda.

As atividades eram sempre encerradas com uma mensagem espiritual.

Comunhão, dedicação e visão



Professora Margarida Sarli: instruções para as mulheres

A essência de todas as palestras foi a ênfase na excelência da vocação ministerial e nas qualificações que um indivíduo precisa ter para desempenhá-la com êxito. O pastor é um homem privilegiado pela grandeza da função que exerce, mas não está imune aos perigos que rondam os outros mortais. “O pastor também luta com duas naturezas”, lembra o Pastor Joel Sarli, chamando a atenção para a vigilância que cada ministro deve exercer sobre seus sentimentos, e a necessidade de íntima comunhão com Cristo. “Satanás não se importa se você for um grande ganhador de almas, desde que você não ore. Ele sabe que é

mais importante falar com Deus sobre os homens, do que falar aos homens sobre Deus”, completa o Dr. Rex Edwards, falando das razões pelas quais Pedro caiu.

Numa inspiradora mensagem, o Dr. Nikolaus Satelmajer traçou o perfil do verdadeiro pastor: “Deve conhecer pessoalmente a Cristo, deve apoiar os que lhe estão próximos (familiares e oficiais), tratar amorosamente o pecador e gastar tempo com pessoas aparentemente sem importância.” Como líder e portador de uma missão, o pastor necessita manter uma visão acima das circunstâncias adversas, semelhante à águia, na descrição feita pelo Pastor Alejandro Bullón. Talvez seja a falta dessa visão o motivo pelo qual a missão ainda não foi concluída. “Falta coragem para lutar pela posse da Terra. Falta visão positiva e confiante; precisamos ter fé no que Deus falou”, insiste o Pastor Sarli, falando no início do encontro, no Iaene. “Não precisamos gastar muito tempo explicando minúcias. Temos que pregar a Palavra”, ele acrescenta. O Pastor Ruy Nagel, presidente da DSA, pregando na abertura do evento, no IAE, também incentivou os pastores à continuidade do cumprimento da missão.

Batendo nessa tecla, o concílio foi desenvolvido e ganhou a apreciação dos pastores. “Nosso sentimento é de profunda gratidão



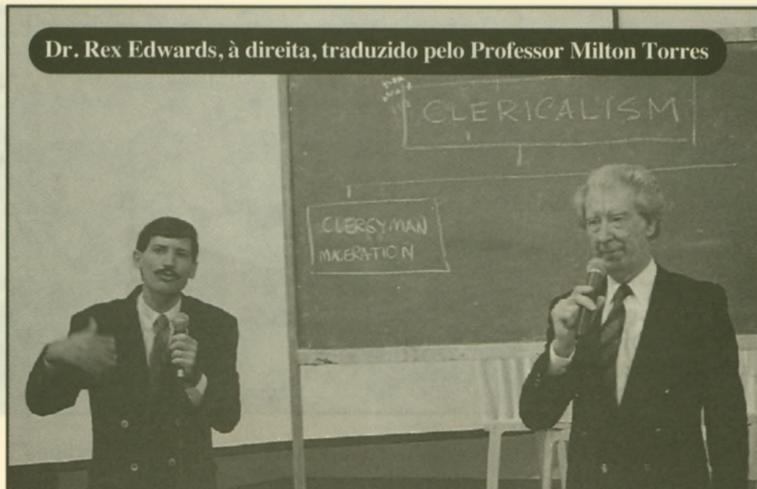
por tudo o que vimos, ouvimos e recebemos”, testemunha o Pastor Zênio Santos, da Associação Leste Sul-Rio-Grandense e, com ele, concorda Carla Storch, da Associação Mineira Central. “Precisávamos disso”, atesta o Pastor Carlos Ribeiro, da Associação Bahia.

O pregador do último sábado foi o Pastor Maurice Batte, um dos secretários da Associação Geral. Ele enfatizou a necessidade de capacitação para o serviço. Pastores e membros têm uma missão a desempenhar, tal como Cristo e os discípulos tiveram. Jesus escolheu uma equipe e a capacitou. Semelhantemente, hoje, “a cada membro deve ser atribuída uma atividade. Cada membro é um ministro de Deus”.

Participantes do seminário de ética pastoral, no IAE



Dr. Rex Edwards, à direita, traduzido pelo Professor Milton Torres



favor. Também com emoção, o público ouviu e aplaudiu, de pé, a apresentação do primeiro Quarteto Arautos do Rei.

Vários obreiros foram ordenados ao Ministério, durante o Concílio da DSA. No Iaene, o ordenado foi o Pastor Natanael Santana Cunha, diretor da Escola Adventista do bairro IAPI, em Salvador. No IAE, foram ordenados os Pastores Si-

loé João de Almeida, diretor de Comunicação da Divisão Sul-Americana, e Williams Costa Júnior, produtor do programa *Está Escrito* para o Brasil.

Emoções

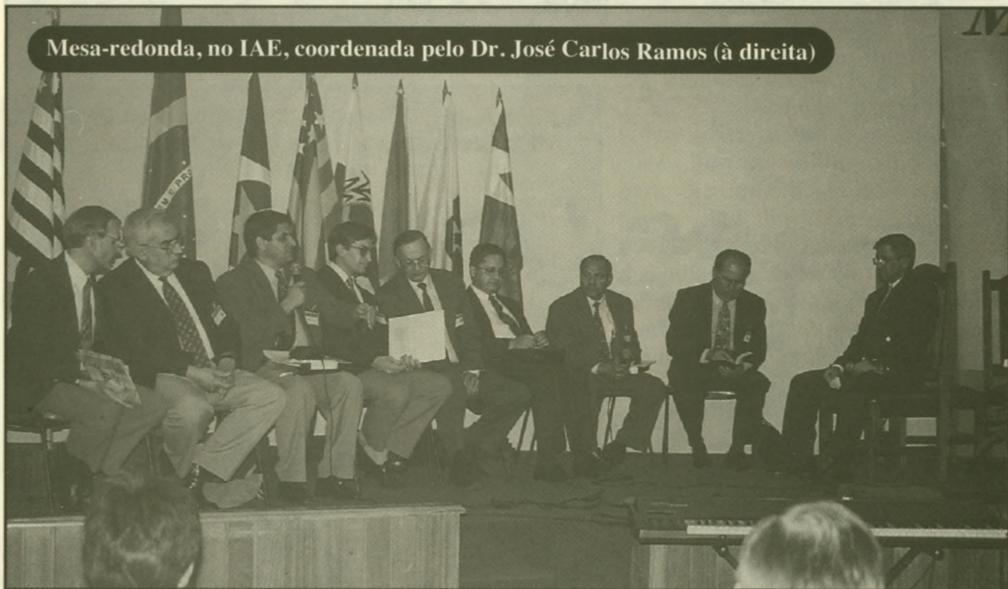
As duas sextas-feiras do concílio brasileiro foram marcadas por momentos especiais, à noite. No Iaene, uma fogueira serviu para aquecer física e espiritualmente os congressistas. Ao seu redor, eles cantaram hinos, confraternizaram e oraram uns pelos outros. Aliás, grupos de pastores espalhados pelos dois campus orando, após as reuniões noturnas, foi cena comum e gratificante.

No IAE, antes da mensagem, num diálogo emocionado, via telefone, com o Pastor Bullón, o Pastor Valter Boger, diretor geral, que convalesce de uma enfermidade, agradeceu o carinho e as orações feitas em seu

Missão cumprida

A realização do Concílio Ministerial deixou a impressão de que, finalmente, os pastores do Brasil receberam algo valioso de que sentiam muita falta. E por isso, o sentimento geral era de gratidão. Muitos, como o Pastor Elizeu Lira, da Associação Espírito-Santense, também enalteciram a alegria da confraternização experimentada, ao lado das valiosas instruções recebidas através dos se-

Mesa-redonda, no IAE, coordenada pelo Dr. José Carlos Ramos (à direita)



Primeiro Quarteto Arautos do Rei brasileiro



minários, palestras e sermões.

O atendimento dispensado aos congressistas, pelas duas maiores instituições educacionais adventistas brasileiras parece ter superado as expectativas. Prestatividade, polidez e disposição generosa foram características marcantes da equipe de alunos e professores dos dois colégios. “Do menor ao maior servidor, todos merecem uma referência honrosa e uma expressão de profunda gratidão por tudo o que nos proporcionaram”, enfatiza o Pastor Manoel Xavier de Lima, presidente da Associação Planalto Central, que assistiu à programação do IAE. Quem esteve no IAE sabe que o mesmo deve ser dito sobre a equipe nordestina.

“A preparação de um concílio como este é muito desgastante. Mas foi compensador. Sentimos a presença do Espírito Santo”, assegura a secretária Dalmácia Sandor, da DSA, que atendeu a todos com muita dedicação. As poucas mulheres presentes ao concílio também ficaram entusiasmadas, segundo a irmã Vasti Viana, líder da Afam. “Certamente elas estarão mais envolvidas na tarefa missionária e, ago-

ra, mais preparadas para capacitar e arremeter as demais irmãs, em seus respectivos territórios de trabalho”, ela garante.

Para os líderes da Associação Ministerial, o esforço valeu a pena. “Se o primeiro trimestre deste ano foi o melhor da história da DSA, evangelisticamente falando, imagine o que vai acontecer daqui para frente”, afirma o Pastor Bullón. Na avaliação do Pastor Viana, “o Espírito deu nova motivação para servir melhor. Os resultados aparecerão não apenas em termos de números, mas num crescimento legítimo dos pastores e do rebanho”.

Isso é o que todos esperam.

Estudo da Lição da Escola Sabatina, no IAE





“O concílio foi extraordinário. O companheirismo, o reavivamento, os grupos de oração à noite, as mensagens, os seminários, a presença do Espírito Santo, enfim, apesar dos gastos de tempo, dinheiro e esforço, valeu a pena. Os pastores estão inspirados. E, se o primeiro trimestre deste ano foi o melhor da história da Divisão Sul-Americana, evangelisticamente falando, imagine o que vai acontecer daqui para frente, com esses pastores levando o fogo do Espírito no coração!” – *Pastor Alejandro Bullón.*

“Um concílio dessa natureza é a soma de muitas horas de planejamento, de muito dinheiro e enormes distâncias percorridas. Mas também é o ponto de convergência de muitas expectativas, como o reencontro com os colegas de ministério e de receber um novo sopro do Espírito. Posso dizer que as expectativas foram satisfeitas, o Espírito Santo esteve presente e nos deu uma motivação nova para o trabalho que Deus nos confiou. Os resultados vão aparecer, não apenas em termos de números, mas através de um crescimento real e legítimo, dos pastores e do rebanho sob seus cuidados.” – *Pastor José M. Viana.*



“Foi uma alegria participar do Concílio Ministerial. Sentimos que as outras colegas, líderes da Afam e do Ministério da Mulher, também ficaram felizes e foram enriquecidas através do companheirismo, das mensagens e das informações que receberam. Sem dúvida, continuarão envolvidas na tarefa missionária e, agora, estão mais preparadas para capacitar outras irmãs. Com a graça de Deus, cumprimos nosso papel na terminação de Sua Obra.” – *Vasti Viana.*

O Pastor e a ética

JUAN MILLANAO

*D.Min., professor no Seminário Adventista
Latino-americano de Teologia, IAE/ct*

Ao escrever este artigo, nosso objetivo é tentar pontualizar certas demandas éticas contemporâneas e o papel que um pastor adventista do sétimo dia poderia desempenhar em uma determinada congregação. Trata-se de um papel fundamentalmente preventivo e altamente espiritual. Tentaremos plantar um contexto sociológico aplicado à Igreja Adventista, definir as áreas éticas mais conflitantes e esboçar um curso de ação ministerial e docente.

Contexto sociológico

O pastor trabalha dentro de um sistema que envolve a Organização Adventista, a família, a igreja local, a escola, hospital, ou clínica. O capítulo dois do livro de Atos fala a respeito de um sistema no qual viveu cada crente nos albores da Igreja cristã. Dentro desse sistema, é possível observar pelo menos três condições que tornaram possível a estabilidade: primeira, a segurança, para preservação. Segunda, a solidariedade, para integração; e terceira, a interdependência, de tipo funcional, para desenvolvimento.

Agora, entretanto, o pastor trabalha num mundo cada vez mais integrado, no qual o elemento tecnológico é cada vez mais importante.

A tecnologia tem produzido tanto soluções quanto problemas. Há problemas no mundo natural. Percebe-se que os recursos da Terra são limitados; a atmosfera é aquecida, águas são contaminadas, espécies são extintas, a camada de ozônio é destruída. Essas idéias e práticas devem mudar.

Que dizer do mundo social? Desenvolvemo-nos em um mundo cheio de idéias que giram em função de interesses. No século passado, quando a Igreja Adventista surgiu, predominava a idéia de lugar de vida em função de recursos. Tiago White, com sua grande habilidade para “construir” uma or-

ganização eclesiástica, teve sucesso mediante a sábia utilização de recursos humanos e financeiros. White é um protótipo da mentalidade daqueles dias.

Ao final do século 20, observa-se que a comunidade da Igreja Adventista também poderia estar orientada principalmente em função de interesses. Existe uma espécie de latência social que fala em termos de qualidade de vida.

A forma de resumo e síntese, lugar de vida, comunidade de vida e qualidade de vida são os parâmetros existenciais presentes para entender a tecnologia e seu impacto no desenvolvimento social. E a função dos recursos em nossa história denominacional? Era impossível evitar essa etapa, pois era necessária a colocação dos cimentos. Função de interesses? Pode-se evitar ou administrar essa tendência, porque constitui uma escolha. É o resultado de fazer/obedecer mais por tradição do que por profundas convicções bíblicas.

Esse contexto sociológico resumido é o marco no qual o pastor pode servir aos membros que, por sua vez, encaram cada dia os mais variados dilemas éticos. Quais são eles?

Áreas conflitantes

1. O pastor deve induzir à reflexão em contraste com uma tecnologia limitada.

Existe uma mentalidade de que, como pastores e médicos, “temos que fazer alguma coisa”, do contrário, nos sentiríamos inúteis. Diante de uma situação terminal, é comum que familiares de um enfermo clamem: “pastor, ou doutor, faça algo!” Não é fácil convencer a um familiar que, em certos casos, o melhor é não fazer nada. Portanto, é necessário ajudar a definir as expectativas do paciente relacionadas à ação do médico e do pastor. Cada um deles é apenas um médico, ou um pastor, que pode se enganar.

Infelizmente, produz-se no recém-forma-

do pastor ou médico algo como uma ilusão de ótica: durante seus anos de estudo, foi ensinado a respeito de coisas para as quais existe tratamento. Obviamente, precisamos saber disso. Inevitavelmente, porém, vai-se formando no aluno a idéia de que pode efetivamente fazer muitas coisas, e a frustração é grande quando ele percebe que, na realidade, existem coisas para as quais não existe terapêutica a ser oferecida. Requer-se uma atitude reflexiva. Que as decisões sejam técnicas, éticas e saturadas com o espírito de aceitação da vontade divina, tal como ensina a Bíblia.

2. O pastor deve cuidar para que o paciente participe nas decisões que o afetarão diretamente. É preciso recuperar a consciência participativa. A postura na qual o paciente é visto como sujeito e a enfermidade como objeto, precisa ser revista. Mais que enfermidades, há enfermos. Espera-se que o paciente participe. O ministro religioso não separará o objeto do sujeito; verá o paciente como um todo.

3. O pastor cuidará para que as ações médicas que afetem um membro, sejam efetuadas com o devido consentimento. Uma base fundamental para essa atitude é a consideração da pessoa humana. Derivadas do item anterior, há quatro razões adicionais: cada pessoa é única, criada por Deus à Sua imagem; então é uma adequada expressão de respeito; o paciente é autônomo, isto é, com direito a participar no processo de tomar decisões relacionadas com a saúde; deve-se lembrar que a técnica está a serviço do homem, não o contrário; a relação satisfatória médico-paciente, baseada no respeito, no conhecimento e na confiança, estimula de algum modo uma recuperação satisfatória em diversas enfermidades.

4. O pastor fomentará uma visão transcendente da vida, em contraste com uma pragmática. Por exemplo, a concepção *in vitro* é discutível, dado que não se considera importante que o filho encomendado o seja

por relação afetiva intensa de um casal. Esse é um produto de uma época niilista, pragmática, carente de transcendência, que, no fundo, não acredita no amor, e vê no ato sexual um mero instante de prazer, como outros instantes ao longo da vida. Outro exemplo é o fato de que, em 1997, as diferenças da moda e uso de vestes têm caráter unissex, ou seja, servem para o homem e para a mulher.

Nesse contexto, o sexual converteu-se numa rotina natural e é necessário recorrer à pornografia para lhe dar um forte atrativo. Curiosamente, há escasso erotismo e, conseqüentemente, uma incapacidade para descobrir o mistério e alma da intimidade sexual. Não é raro, então, que a sexualidade seja realizada sem uma maior transcendência, assumida tal como se come, ou se bebe.

Os princípios éticos não admitem exceções. Uma só que seja admitida abre a porta para argúcias e admissão de outras.

5. O pastor poderá desencorajar certas práticas relacionadas com a reprodução assistida. Caso haja a possibilidade de concepção de gêmeos, reprova-se qualquer tentativa de acolhida de um só óvulo, em de-

trimento dos outros. Nesse caso se produziria uma ação perniciosa, através do desejo de matar dois ou três óvulos, simplesmente porque não se quer ter gêmeos.

Por outro lado, também é reprovado o congelamento de embriões excedentes, com a idéia de se encontrar mães adotivas. Outrossim, condena-se o congelamento de embriões, durante meses ou anos, em virtude de que viola o direito à continuidade da existência. A nenhum adulto deveria se congelar contra a sua vontade.

Dessa forma, seriam evitados desejos extravagantes, como o de uma mãe que tivesse filhos aos 18 e desejasse implantar em si mesma embriões dessa época 20 anos mais tarde. Não devemos esquecer de que o óvulo fecundado tem dentro de si o código genético completo, e, portanto, tanto o congelado como o eliminado são seres humanos.

Finalmente, condena-se o argumento de que um embrião é menos importante do que uma criança de um ano. Isso equivale a dizer que uma criança de seis meses ou um ano não é importante porque, comparado com um de

dois anos, não pode valer-se por si mesmo.

6. O pastor deve cuidar para que as necessidades do paciente sejam supridas.

Tais necessidades podem ser: de tipo físico – um quarto confortável: temperatura agradável, limpo, bem arranjado, pintura adequada, iluminação, ventilação, plantas, velador, etc. De tipo biológico – manter repouso, ou fazer exercício, regime alimentar apropriado, hidratação, eliminação de fezes e urina, sono e vigília adequados. De tipo psicológico – necessidades afetivas, como carinho, ternura, compaixão; o paciente necessita manter diálogo, comunicação de seu interior com os profissionais da saúde e seus queridos. Necessita saber de sua enfermidade, o diagnóstico, tratamento, prognóstico. Necessita participar responsabilmente do processo de tomada de decisões. Precisa ler, manter seu status cultural.

Há ainda necessidades do tipo social – que envolve contato com familiares, leitura de cartas de parentes distantes, ver fotografias. Ele precisa ser informado de sua situação profissional, especialmente quando há medo de invalidez. Deve-se contatar a instituição respectiva de trabalho. Finalmente, há necessidades de tipo espiritual, que requerem tempo para orar, ler um livro, ou ser visitado por seu líder espiritual.

7. O pastor informará conscientemente que a frase “qualidade de vida” é interpretada em diferentes casos.

Essa é uma expressão mágica, susceptível de equívocos. Ainda não foi especificado o que se entende por “qualidade de vida”. Nesse contexto, seria legítima a eutanásia em caso de pessoas desenganadas, cancerosos terminais? Por um lado, temos nos recusado prolongar a vida por meios heróicos. Mas agora, o que se discute é apressar artificialmente a morte. Diante disso, a resposta é não. Por quê? Primeiro, porque atropela o direito da inviolabilidade da vida. Os princípios éticos não admitem exceções. Uma só que seja admitida abre a porta para argúcias e admissão de outras.

Segundo, há um conceito de tempo envolvido. O tempo do homem distinto ao da física. No último caso, o presente é um instante fugaz. No primeiro, para que o presente seja tal, deve apoiar-se no passado e no que espera do porvir. Conseqüentemente, no mori-

bundo comatoso, desenganado, está vivo todo um passado de sacrifício e amor dado por ele a outros, e que obriga a estes à devolução do amor. A aceitação da eutanásia, nesse contexto, parece ser um fervente desejo de safar-nos das moléstias, cuidados e atmosfera depressiva que provoca o doente.

8. O pastor ministrará ao paciente, com clara consciência do que sejam morte clínica e morte biológica.

A morte clínica é a transcendente, a que define que a pessoa desaparece e não continua mais conosco, mesmo quando algumas das suas células e tecidos possam continuar vivos por algum tempo. A morte clínica é deixar de existir como um todo psicobiológico, capaz de abastecer-se a si mesmo e regular-se espontaneamente. Já não existe homeostase, capacidade de assimilar os alimentos, oxigenar os tecidos.

São sinais de morte clínica, cessação da função cardiorrespiratória espontânea, inexistência total da função do encéfalo, incluindo seu tronco. Este último aspecto é verificado através de um encefalograma plano de 30 minutos, que, repetido, seis ou 12 horas depois, permanece igual. Para que o último seja concludente, deve-se observar se não houve intoxicação com barbitúricos, benzodiazepinas, meprobamato, mataqualone ou tricloretileno. Proceder-se da mesma forma quando há hipotermias inferiores a 32.2°C, em caso, por exemplo, de uma parada cardíaca.

Nos bebês prematuros ou asfíxiados viáveis, é preciso um pouco mais de cautela, e a repetição do EEG deve ser feita 24 horas depois do primeiro exame.

Sabedoria

Tudo o que anteriormente foi dito põe o pastor diante de situações tais que, em anos passados, ele jamais pensou que fosse enfrentar. Sem pretender ser médicos, podemos trabalhar com eles, em complementação. Os pacientes demandam isso. Requer-se uma sabedoria médica que transcenda inclusive os limites da ética.

Hoje em dia, a medicina e a biologia levantam uma quantidade de interrogações que são de natureza epistemológica, de natureza antropológica, metafísica. Devemos ensinar de tal maneira que sejam satisfeitas a ansiedade e a inquietude. Hoje, a pessoa quer entender e se fazer entendida.

Chamados para servir e salvar

REX EDWARDS

*Diretor do programa de Educação Contínua da Associação Ministerial
da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia*

Uma cerimônia de ordenação é uma humilde lembrança da singular unicidade do cristianismo. Enquanto outras religiões falam orgulhosamente da necessidade que o homem tem de Deus, o cristianismo estranhamente fala da necessidade que Deus tem do homem. Essa foi a verdade transmitida por Cristo em toda a Sua vida. Ele necessitou de um ventre humano para conduzi-Lo. Necessitou de um pai, a fim de protegê-Lo da ira de Herodes, e de amigos com os quais partilhou Sua missão. Jesus necessitou de alguém para carregar a cruz que Lhe esmagava os ombros, assim como necessitou de alguém para remover a pedra do sepulcro onde esteve por três dias.

E, por alguma estranha inversão da experiência humana, o mesmo Deus necessita do homem para levar avante Sua obra – alimentar, apascentar, nutrir, admoestar e treinar Seu povo. “Como ouvirão, se não há quem pregue?”

A razão pela qual Deus escolhe homens para usar como Seus mensageiros, suponho, é um mistério. Indubitavelmente, legiões de anjos poderiam propagar a verdade divina com maior eficiência e exatidão. Entretanto, como Ellen White afirma, “Deus não escolhe como Seus representantes entre os homens anjos que jamais caíram, mas seres humanos, homens de paixões idênticas às daqueles a quem buscam salvar” (*Serviço Cristão*, pág. 7).

Mas o homem chamado por Deus não recebe dEle qualquer parcela de imunidade contra as provas e dificuldades da vida. Ele não está livre de ser assaltado pela dúvida, frustração ou pelo desespero. Esse homem também possui pontos fracos. Ele certamente sangrará quando ferido, se sentirá

abatido quando cargas insuportáveis lhe forem impostas.

O que é ordenação

Portanto, o ato da ordenação não o capacitará com poderes sobrenaturais, tampouco lhe conferirá alguma graça especial. Não o elevará a um *status* superior, não lhe outorgará novas virtudes ou maior grau de piedade; nem o dotará de habilidades que não possuía antes.

A ordenação é um rito de transição, não a indução em um ofício. É a maneira de a Igreja reconhecer ou aprovar um candidato ao ministério. É um convite a alguém, para tornar-se servo dos servos de Deus. É um chamado para caminhar nas pegadas dAquele que veio não para ser servido, mas para servir.

A aprovação celestial para a cerimonia de ordenação deve ser um estímulo para que cada um de nós seja “padrão dos fiéis, na palavra, no procedimento, no amor, na fé, na pureza”, como alguém que será aplicado “à leitura, à exortação, ao ensino”; cuja vida será moldada de acordo com o exemplo e a doutrina de Cristo, capacitando-se para receber o poder do Espírito e colher frutos em seu labor.

Três modelos

Se Paulo estivesse aqui hoje, o que ele teria a nós dizer? Seguramente, ele nos recomendaria as mesmas três imagens apresentadas a Timóteo: “Participa dos meus sofrimentos, como bom soldado de Cristo Jesus. Nenhum soldado em serviço se envolve em negócios desta vida, porque o seu objetivo é satisfazer àquele que o arregimentou. Igualmente o atleta não é coroado, se não lutar segundo as normas.

O lavrador que trabalha deve ser o primeiro a participar dos frutos. Pondera o que acabo de dizer, porque o Senhor te dará compreensão em todas as cousas.” (II Tim. 2:3 a 7).

Aqui, o apóstolo nos dá três modelos para inspiração: o soldado, o atleta e o lavrador.

Que qualidades existentes em um soldado, Paulo queria ver refletidas na vida de Timóteo e, por extensão, nos pastores modernos? O serviço de um soldado é fixo, exclusivo e singular. O Código Romano proibia um soldado de engajar-se em ocupações civis, enquanto estivesse ligado à corporação. Um soldado é um soldado, e não um civil. Semelhantemente, o pastor será completamente devotado ao ministério. Não se deixará distrair por outras alternativas de vida profissional, não se envolverá em *sidelines*. Jamais permitirá que qualquer coisa interfira em seu compromisso com o comandante celestial.

O soldado está condicionado à obediência. Ele é treinado para obedecer inquestionavelmente à palavra do comandante. Haverá ocasiões em que a obediência instintiva contribuirá para a salvação de sua própria vida e da vida dos seus comandados. O primeiro dever do pastor é ser sensível e obedecer à voz de Deus.

A suprema virtude de um soldado é que ele permanece fiel mesmo em perigo. De igual forma, o pastor dará sempre de si mesmo sem contabilizar o custo. Luta e não presta atenção às feridas; fatiga-se, mas não busca repouso. Trabalha e não pergunta pela recompensa. Ele existe para fazer a vontade de Deus.

Que temos a aprender com um atleta? Mencionaremos duas qualidades recomendadas por Paulo a Timóteo: O atleta é um profissional. Como sei disso? Paulo está usando a palavra grega *nomimos* para distinguir o “profissional” do amador. A diferença reside no tempo dedicado ao trabalho. O profissional é atleta de tempo integral. O amador dedica apenas parte do tempo. Um pastor “de horas vagas” é uma completa contradição. O Ministério é como a vida de um atleta profissional: requer o compromisso de toda a vida.

O atleta vencedor sabe que não pode permitir que qualquer coisa interfira nos padrões de aptidão física estabelecidos para si mesmo. O pastor de êxito também sabe que haverá tempo quando o caminho fácil parecerá mais atrativo, quando adotar o certo será duro e difícil; quando ele será tentado a

relaxar os paradigmas. Mas a excelência no Ministério requer firmeza aos princípios, nenhuma contemporização, permanência naquilo que é puro e forte. Submissão diária à disciplina espiritual.

Finalmente, não é o lavrador preguiçoso, mas o lavrador diligente, que partilha os frutos da colheita. Há também duas características no lavrador que Paulo gostaria de ver presentes na vida de um pastor:

Primeira, ele deve trabalhar e então esperar. O lavrador aprende rapidamente que não existe caminho curto para colher resultados imediatos. Ele ara o solo, fertiliza-o, planta a semente e espera pela colheita. Fielmente, o pastor lança a semente do evangelho. Trabalha incansavelmente ao lado de Deus na salvação de homens e mulheres, sabendo que é o Espírito quem “convence do pecado, da justiça e do juízo”; e espera, pacientemente, pela colheita.

Segunda característica, o lavrador trabalha além do pôr-do-sol. Ele não conhece horário. O Ministério não é espasmódico. O pastor está disponível a qualquer hora para satisfazer às necessidades de sua congregação e daqueles com os quais ele trabalha. Outrossim, não descuida a vigilância sobre as almas colocadas sob seus cuidados, a fim de que elas possam enfrentar os pesares com paciência; as tentações com a força outorgada por Deus, e os desapontamentos com coragem.

A vitória

Algumas coisas ainda podem ser notadas, como marcas dos três modelos mencionados pelo apóstolo Paulo: o soldado é motivado e sustentado por pensamentos de vitória. O atleta encontra na visão da coroa a motivação para prosseguir e o sustentáculo de seus empreendimentos. O lavrador é motivado e sustentado pela esperança da colheita.

Cada um se submete à disciplina, ao trabalho e à fadiga, por amor à glória futura. É assim com o pastor. A luta jamais é vã. Depois de todo o esforço, do trabalho mais duro e intenso cansaço, virá a aprovação do Mestre: “Muito bem, servo bom e fiel; foste fiel no pouco, sobre o muito te colocarei: entra no gozo do teu Senhor.” (Mat. 25:21).

Escolhamos a vontade de Deus como nossa motivação, as palavras de Cristo como nossa meditação, as promessas divinas como nossa inspiração, e a Palavra de Cristo como nossa salvação.

DEDICAÇÃO

Se eu tivesse mais vidas, bom Jesus!...

Mais vidas Te daria...

*Para pregar o Evangelho da Cruz,
Que salva e enche a alma de alegria,
Pela presença da radiante luz...*

Se eu tivesse mais vidas...

Para cantar bem alto

*Um hino que fosse ouvido
Pelos quadrantes da Terra...*

Para ensinar o verdadeiro caminho

A quantos buscam a paz com as armas da guerra...

Para amparar esse quíase imensurável mundo sofredor...

Para, mesmo no meio da luta, dizer como Davi:

"O Senhor é meu Pastor."

Para viver!...

Viver intensamente,

Deixando uma estrada que possa ser percorrida,

Dedicando-me a Ti... Somente a Ti.

Se eu tivesse mais vidas,

Todas seriam Tuas, bom Jesus!

Afinal,

O que possuo já é por Tua bondade...

O que desejo só alcançarei ao Teu lado...

O de que preciso é a Tua verdade...

O que me faz exultar é ser por Ti amado...

Mas, quem sou eu para Te pedir tanto?

Certamente, por mim, nada de Ti mereço.

Teu sangue, um dia, enxugou meu pranto...

Do que me deste, então eu Te ofereço.

Por isso, não preciso outras vidas;

Não. Esta me basta.

Uma só inteligência...

Uma só alma, um só coração...

Modesta flor no Teu jardim.

Pois eu bem sei o que queres de mim:

Lealdade, fé, consagração,

Impulsionando a minha própria vida,

Na vida inteira do meu ministério.

(Homenagem ao Dia do Pastor - último sábado de outubro)

Ame-se a si mesma

SARA DE FARIA

*Psicóloga clínica, professora da Universidade
Federal de Mato Grosso do Sul*

Chamamos de auto-estima ao conjunto de sensações e conceitos que formamos a respeito da nossa própria pessoa. Nossa auto-imagem está baseada em um sistema de idéias e sentimentos que mantemos em relação ao que somos, os quais vamos recolhendo e reunindo ao longo da vida.

A imagem que temos a nosso respeito é poderosa para influenciar nossas ações e atitudes e, principalmente, nosso relacionamento com outras pessoas. O modo como olhamos para dentro de nós mesmos e o que intimamente sentimos a nosso respeito são fatores que determinam aquilo que somos e o que seremos. Tuto o que vemos e sentimos determinará o curso de nosso relacionamento com outras pessoas e, também, com Deus.

O que estamos afirmando não é nada diferente daquilo que Salomão resumiu, tempos atrás: "Porque como imagina em sua alma, assim ele é..." (Prov. 23:7).

Conta-se que um famoso cirurgião plástico percebeu que muitos pacientes, mesmo após a mudança operada pela restauração plástica facial, não demonstravam a mesma transformação mental. Embora a cirurgia tivesse deixado aqueles pacientes não apenas aceitáveis, senão mais belos, eles continuavam agindo e pensando como se ainda fossem "o patinho feio". Tinham um rosto novo, mas continuavam com a mesma personalidade anterior. Sentiam-se feios, por mais que os observadores dissessem o contrário.

Cada personalidade possui um rosto. Esse rosto emocional da personalidade parece ser o segredo da transformação. Se ele continuar marcado e desfigurado, feio e de baixa qualidade, então a pessoa continuará a agir de acordo com ele, mesmo que sua aparência exterior seja modificada. Entre-

tanto, é possível haver uma transformação, se as velhas cicatrizes emocionais puderem ser removidas.

Formação de auto-estima

Muitas pessoas imaginam que elevada auto-estima é a mesma coisa que comportar-se de forma arrogante e orgulhosa. Isso é um grande engano. Orgulho é uma capa que encobre nossa insegurança, incapacidade e impossibilidade de enfrentar a realidade. O orgulho tem levado muitos a vestirem esse manto, na tentativa de encobrir a baixa auto-estima.

É no lar que têm início muitos problemas de auto-estima, pois é aí que as dificuldades podem ser evitadas mais eficazmente. A consolidação da auto-estima infantil selará o sucesso ou fracasso na vida de uma pessoa. Desde muito cedo, estando nossos filhos ainda bem pequeninos, começamos a desenvolver neles a auto-estima. E ela ajudará na formação de homens e mulheres autênticos, capazes, seguros de si mesmos ou amedrontados, altamente melindrosos, inseguros e agressivos.

Por isso mesmo, Ellen White adverte, no livro *Orientação da Criança*, à página 156: "Tanto quanto possível, deve cada criança ser ensinada a confiar em si mesma." Nessa tarefa, os pais têm diante de si dois grandes desafios: primeiro, vencer seus sentimentos de inferioridade e formarem conceitos mais positivos a respeito de si mesmos. Segundo, ajudar os filhos a fazerem o mesmo.

O cristão e a auto-estima

Algumas das armas mais fortes no arsenal de Satanás são de natureza psicológica.

E existem muitos cristãos que estão sendo derrotados pela mais poderosa arma psicológica usada pelo inimigo. Essa arma tem a eficácia de um míssil. Seu nome? Auto-estima negativa.

Essa imagem pode manter-nos girando no círculo vicioso do medo e da inutilidade. Destrói nossos sonhos, nosso relacionamento com o cônjuge, filhos, amigos, membros da igreja, e com Deus. Uma pessoa com baixa auto-estima estará sempre tentando mostrar-se. Sendo viciada em elogios, busca desesperadamente a aprovação de terceiros para sentir-se mais segura.

Existem várias causas para a baixa auto-estima. Entre elas, podemos citar os relacionamentos negativos com os pais, as expectativas irreais, o modo de pensar distorcido, teologia falha e influências na comunidade. Que pessoas revelam maior dificuldade de convivência com outras? Logicamente aquelas que não gostam de si mesmas.

A Bíblia e o amor-próprio

Falando sobre o grande mandamento, Jesus disse: "Amarás, pois, o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento e de toda a tua força. O segundo é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo." (Mar. 12:30 e 31).

Necessitamos refletir melhor sobre a segunda parte do mandamento. Ela diz que devemos amar ao próximo como a nós mesmos. Temos então três ordens distintas: amar a Deus, a nós mesmos e ao próximo. Estabeleço essa escala de prioridades, colocando o amor a nós mesmos em segundo plano, porque Jesus deixou bem claro que, na medida certa, esse tipo de amor constitui a base certa para amar ao próximo. O problema é que, muitas vezes, interpretamos o ensinamento de Cristo, por uma via contrária, como se Ele tivesse dito: "Amarás ao teu próximo e odiarás a ti mesmo."

Enquanto agirmos dessa forma, estaremos longe de cumprir o que Deus nos ensinou. Afinal, é impossível amar corretamente o próximo sem amar a mim mesmo. Para algumas pessoas, é difícil aceitar essa conclusão, em virtude de que sempre associam o amor-próprio a uma atitude de superioridade mesquinha, vontade obstinada, orgulho e

egoísmo.

Mas o amor-próprio, experimentado de maneira correta, não representa adoração de si mesmo, nem egoísmo. Significa, isto sim, nos vermos como criaturas dignas, valorizadas pelo sangue de Cristo e amadas por Deus. Podemos amar a nós mesmos, porque Deus nos ama e nos concedeu habilidades especiais. Esse ponto de vista bíblico do amor-próprio deve tornar-se a base da auto-estima.

Valorização pessoal

Sentir-se uma pessoa especial e abençoada por Deus é uma grande necessidade de todas as mulheres. Isso é algo muito importante para qualquer pessoa, desde o nascimento, e não existe alegria duradoura sem tal sentimento. Ele representa para a alma o mesmo que a proteína é para o corpo. É fonte de saúde psicológica, segurança espiritual; base da autoconfiança e da elevada auto-estima. É um dos bens mais preciosos da vida.

Cada uma de nós necessita sentir-se especial e abençoada por Deus e, dessa forma, tornar-se uma comunicadora de bênçãos.

Ser uma mulher especial e abençoada significa conhecer, sentir e alegrar-se na firme promessa de Deus, na certeza de Sua aceitação e aprovação. É a experiência de ser escolhida e estimada, valorizada e apreciada.

Todos os nossos esforços para ganhar e obter a admiração de outros jamais irão preencher o vazio interior, a menos que tenhamos consciência do que representamos para Deus. Dar amor, transmitir segurança e demonstrar aceitação é tudo o que Deus faz por nós. Infelizmente, porém, devido à orientação nociva que recebemos de outras fontes, temos dificuldade em aceitar essa bendita realidade. É tão difícil que algumas preferem continuar no fundo do poço.

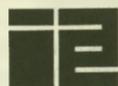
Apelo a você, querida amiga, a que se submeta a esse processo divino de restauração. E aceite o que Deus deseja e pode fazer em você e por você. Jacó, após lutar com Deus no vale de Jaboque, já não tinha que se empenhar para ser amado. Ele sentiu-se amado. Recebeu a bênção. Deixe que Deus a ame. Deixe que Ele lhe ensine a amar, a si mesma e aos outros.

I Jornada Brasileira de PSICOLOGIA DO ACONSELHAMENTO CRISTÃO

O evento que trará uma nova dimensão ao seu Ministério!

22 a 25 de Janeiro de 98

I N S T I T U T O



A D V E N T I S T A
D E E N S I N O

BIBLIOTECA DO PASTOR

MYTHS IN ADVENTISM – *George R. Knight, Review and Herald Publishing Association, Hagerstown, MD, 21740, EUA; 272 páginas.*



Neste livro, o autor examina 19 mitos sobre Ellen White, Educação e vida cristã que têm causado controvérsia entre membros da Igreja Adventista por muitos anos. Frequentemente, essas controvérsias são a base para amargura e crítica. Knight analisa a origem dessas idéias, bem como enaltece a crença de que a Bíblia deve ser o livro texto para todos os assuntos. Usando as divergências de pensamento como ponto de partida, ele avança numa direção positiva. Ponto a ponto, vai construindo um sólido fundamento adventista para os tópicos abordados.

MANUAL DOS TEMPOS & COSTUMES BÍBLICOS – *William Coleman, Editora Betânia, Venda Nova, MG; 360 páginas.*



Há certas expressões bíblicas que só conseguimos compreender plenamente e quando descobrimos seu significado no tempo e na situação em que foram proferidas. Quanto mais conhecemos as emoções, a mentalidade e o estilo de vida dos judeus do Velho e do Novo Testamento, melhor compreenderemos a pessoa de Jesus Cristo.

O livro provê fatos e fotos indispensáveis a pastores, professores, líderes e membros

em geral.

TONS EM SÉRIE – *Instituto Adventista de Ensino, campus central, Engenheiro Coelho, SP.*



A música é um componente importantíssimo do louvor e da adoração. Pensando nisso, o Instituto Adventista de Ensino coloca à disposição de pastores, regentes, diretores de música e igrejas, a coleção Tons Em Série, composta de partituras (O Piano na Adoração) para uso durante o prelúdio, ofertório e poslúdio do culto; e arranjos instrumentais (Solos, Duetos, Trios) para casamentos e outras ocasiões.

CRISTO NAS SALAS DE AULA – *Renato Gross (organizador), Imprensa Universitária Adventista, Engenheiro Coelho, SP.*



Este é o primeiro volume de uma série que será produzida à medida que forem desenvolvidos os Seminários de Integração Fé e Ensino, no Brasil. A obra contém palestras proferidas nesses seminários. O presente volume é uma compilação (organizada pelo Professor Renato Gross) do que foi apresentado por ocasião do primeiro seminário, realizado no Instituto Adventista de Ensino, campus central, em janeiro de 1996.